

*Maria*



Revista

da Escola Normal de S. Carlos

Propriedade e redacção do corpo docente

SUMMARIO

- JOAO TOLEDO . . . . . *Os ideaes nacionaes e as escolas elementares*  
Da 12a. cadeira
- MARIANO DE OLIVEIRA . . . . . *Escolas Normais*  
Director da Escola Normal
- CARLOS DA SILVEIRA . . . . . *Questões de ensino normal*  
Da 11a. cadeira
- EZEQUIEL DE MORAES LEME . . . . . *Questões do ensino*  
Da 9a. cadeira
- A. PROENÇA . . . . . ( *A escola e a casa*  
Da 13a. cadeira ( *Ensino primario*
- J. & C. . . . . *Pedagogia*
- SEBASTIAO PAULO DE TOLEDO PONTES . . . . . 21 de Abril  
Da 7a. cadeira
- MARIO NATIVIDADE . . . . . *Um problema de amuidades*  
Da 5a. cadeira
- RAPHAEL FALCO . . . . . *Fim do desenho nas escolas primarias e normaes*

## QUESTÕES DE ENSINO NORMAL

«It is better to make a mistake in trying to tell the truth,  
«Than never to tell the truth for fear of making a mistake.»

### AS MATERIAS DO 2.º GRUPO

SUMMARIO:

— As artes na Escola Normal de São Paulo e nas demais.

— Importantissimo papel que a musica, o desenho, a gymnastica e o trabalho manual representam, na formação do pessoal ensinante.

— Partido a tirar dessas quatro disciplinas no trabalho de educação physica e psychica (da sensibilidade, actividade e intelligencia) das crianças.

— O 2.º grupo e as inclinações superiores (amor do bello, do bem, do verdadeiro.)

— O 2.º grupo e a cultura civica.

— O actual ensino da musica, do desenho, da gymnastica e do trabalho manual fornece ao futuro mestre-escola elementos bastantes para que possa realizar um programma educativo da infancia por meio das quatro supracitadas materias?

O actual regulamento das TRES Escolas Normaes Secun-

darias (São Paulo—PRAÇA, Itapetininga e São Carlos) baixado com o Decreto 2.367 de 14 de Abril de 1913, assim como o regulamento em vigor das OITO Escolas Normaes Primarias (São Paulo—PRAÇA, São Paulo—BRAZ, Guaratinguetá, Campinas, Botucatu, Casa Branca, Pirassununga, Piracicaba) que baixou com o Decreto 2.025 de 29 de Março de 1911, dividem as disciplinas dos cursos de ambos os typos de E. Normaes, como se sabe, em dois grupos: o primeiro, constituido de sciencias e linguas, e o segundo, composto de algumas artes.

Para as E. N. Primarias a lei determina as seguintes matérias de segundo grupo: 1.ª, Musica; 2.ª, Calligraphia e Desenho; 3.ª, Trabalhos Manuaes e Economia domestica, para o sexo feminino; 4.ª, Trabalhos manuaes, para o sexo masculino; 5.ª, Gymnastica, para ambos os sexos. E' esta a distribuição dessas aulas, com o numero semanal de horas para cada:

1.º ANNO		3.º ANNO	
Musica . . . . .	2	Musica . . . . .	2
Trabalhos manuaes. . . . .	2	Trabalhos manuaes. . . . .	2
Gymnastica . . . . .	2	Gymnastica . . . . .	2
Desenho . . . . .	2	Desenho . . . . .	2
2.º ANNO		4.º ANNO	
Musica . . . . .	2	Musica . . . . .	2
Trabalhos manuaes. . . . .	2	Trabalhos manuaes (s. m.).	2
Gymnastica . . . . .	2	Economia domestica (s. f.).	2
Desenho . . . . .	2	Desenho . . . . .	2

Para as antigas Escolas Complementares, depois transformadas em N. Primarias, era mais ou menos o que ficou para estas, com a differença da Escripturação mercantil, para os rapazes. Mais ou menos isto:

1.º ANNO		3.º ANNO	
Calligraphia e desenho . . . . .	—	Trabalhos manuaes . . . . .	—
Exercicios gymnasticos . . . . .	—	Exercicios gymnasticos . . . . .	—
2.º ANNO		4.º ANNO	
Desenho . . . . .	—	Exercicios gymnasticos . . . . .	—
Exercicios militares . . . . .	—	Economia domestica . . . . .	—
Escripturação mercantil . . . . .	—		

Veja-se agora o caso no que diz respeito ás tres E. N. Secundarias, mas, antes, convem deitar os olhos para os varios aspectos que tem apresentado o ensino normal paulista, durante a sua evolução, isto é, no periodo que vai de 1846 a 1913. E,

como até 1899 inclusivè, a escola profissional pedagogica do Estado de São Paulo, era unicamente a da Praça da Republica (pavimento superior do edificio) na Capital, necessario se faz passar em revista o que antes havia, em materia artistica, no curso da escola normal singular.

Na Normal de 1846, só para homens, havia apenas a Calligraphia, unica arte que o legislador achou conveniente na aprendizagem para fins pedagogicos.

Na Normal de 1874 e na de 1880, quasi nada ou mesmo nada, a respeito do *segundo* grupo; na reforma do VISCONDE DO PARNAHYBA, em 1887, afinal, sempre se falla em *Calligraphia e Desenho*, com obrigação, para as alumnas dos dois primeiros annos, da pratica na escola primaria annexa «para exercitarem-se em prendas domesticas».

A reforma CAETANO DE CAMPOS, constante do Decreto 27 de 12 de Março de 1890, adopta o seguinte programma :

- escripturação mercantil (rapazes);
- calligraphia e desenho, para ambos os sexos;
- economia e prendas domesticas, para as moças;
- gymnastica e exercicios militares, rapazes;
- gymnastica e exercicios escolares, moças;
- musica, solfejo e canto coral, para ambos os sexos;
- trabalhos manuaes;

assim collocados os assumptos :

1.º ANNO	2.º ANNO
Exercicios militares . . . —	Gymnastica . . . . . —
Calligraphia e Desenho . . . —	Musica . . . . . —
Prendas domesticas . . . . . —	Desenho . . . . . —
	Esctipuração mercantil . . . —
	Economia e prendas domesticas . . . —

(curso Normal de 3 annos).

O regime do Decreto 218 de 27 de Novembro de 1893 (GABRIEL PRESTES) ordena aulas de :

- 1.ª—Esctipuração mercantil, rapazes;
- 2.ª—Economia domestica, moças;
- 3.ª—Exercicios militares (rapazes) e gymnasticos;
- 4.ª—Trabalhos manuaes;
- 5.ª—Musica.

mantendo Calligraphia e Desenho como materias constitutivas da 17.ª cadeira.

As cinco aulas obedeceram á seguinte seriação :

1.º ANNO	Desenho . . . . . —
Esctipuração mercantil . . . —	
Calligraphia e Desenho . . . —	3.º ANNO
Gymnastica . . . . . —	Exercicios militares . . . —
Trabalhos manuaes . . . . . —	Economia domestica . . . —
	4.º ANNO
2.º ANNO	Economia domestica . . . —
Musica . . . . . —	

Na organização CAMPOS SALLES—DINO BUENO, Decreto 397 de 9 de Outubro de 1895, acha-se esta disposição :

- 15.ª cadeira—Calligraphia e Desenho;
- 16.ª » —Idem;
- 1.ª aula—Esctipuração mercantil;
- 2.ª » —Economia domestica;
- 3.ª » —Exercicios militares e gymnasticos;
- 4.ª » —Gymnastica;
- 5.ª » —Trabalhos manuaes;
- 6.ª » —Idem;
- 7.ª » —Musica.

de accordo com o quadro abaixo (curso de 4 annos); os algarismos são as horas semanaes :

	S. Masc.	S. Fem.
1.º ANNO		
Calligraphia e Desenho . . . . .	3	3
Trabalhos manuaes . . . . .	3	3
Musica . . . . .	2	2
Esctipuração mercantil . . . . .	2	0
2.º ANNO		
Musica . . . . .	3	3
Desenho . . . . .	3	3
Economia domestica . . . . .	0	3
3.º ANNO		
Gymnastica e exercicios militares . . . . .	3	0
Gymnastica . . . . .	0	3

A primeira modificação THOMPSON (Decreto 1.015 de 19 de Março de 1902) é que dividiu as disciplinas todas do curso em dois grupos, trazendo portanto esta innovação para as escolas brasileiras. De maneira que, na segunda reforma THOMPSON,

a do Decreto 1.252 de 17 de Novembro de 1904 já se observa a nova ordem de coisas, sendo assim formado o 2.º grupo

- 1.ª aula—Musica
- 2.ª » —Escripturação mercantil
- 3.ª » e 4.ª—Calligraphia e Desenho
- 5.ª » e 6.ª—Gymnastica
- 7.ª » e 8.ª—Trabalhos manuaes

do modo que segue (curso de 4 annos) :

	S. Masc.		S. Fem.
1.º ANNO			
Calligraphia e Desenho . . . . .	2	—	2
Trabalhos manuaes . . . . .	2	—	2
Gymnastica . . . . .	0	—	3
Gymnastica e exercicios militares . . . . .	3	—	0
2.º ANNO			
Calligraphia e Desenho . . . . .	3	—	3
Trabalhos manuaes . . . . .	2	—	2
Musica . . . . .	2	—	2
3.º ANNO			
Escripturação mercantil . . . . .	3	—	0
Calligraphia e Desenho . . . . .	2	—	2
Musica . . . . .	2	—	2
Trabalhos manuaes . . . . .	2	—	2

A terceira e ultima renovação THOMPSON foi a que veio com o Decreto 2.367 de 14 de Abril de 1913 que, como vimos, é o que está vigorando. Ora, pelo actual regime, são estas as componentes do 2.º grupo :

- 1.ª aula—Musica
- 2.ª » —Escripturação mercantil
- 3.ª » —Calligraphia e Desenho
- 4.ª » —Calligraphia e Desenho
- 5.ª » —Gymnastica educativa
- 6.ª » —Gymnastica educativa
- 7.ª » —Trabalhos manuaes
- 8.ª » —Trabalhos manuaes
- 9.ª » —Dactylographia e tachygraphia
- 10.ª » —Arte culinaria

assim distribuidas

	S. Masc.		S. Fem.
1.º ANNO			
Calligraphia e Desenho . . . . .	2	—	2
Trabalhos manuaes . . . . .	2	—	2
Gymnastica . . . . .	3	—	3
2.º ANNO			
Calligraphia e Desenho . . . . .	2	—	2
Musica . . . . .	2	—	2
Trabalhos manuaes . . . . .	2	—	2
Gymnastica educativa . . . . .	2	—	2
3.º ANNO			
Calligraphia e Desenho . . . . .	2	—	2
Trabalhos manuaes . . . . .	2	—	2
Gymnastica . . . . .	2	—	2
Musica . . . . .	2	—	2
Escripturação mercantil . . . . .	3	—	3
Instrucção militar . . . . .	2	—	0
Arte culinaria . . . . .	0	—	2
4.º ANNO			
Gymnastica . . . . .	2	—	2
Musica . . . . .	2	—	2
Dactylographia e tachygraphia . . . . .	4	—	4

E' do meu plano estudar ligeiramente cada uma dessas alíneas, adduzindo breves notas relativas a cada uma dellas.

Em primeiro lugar, e seja-o dito de passagem, não comprehendendo bem a razão de serem estes cargos do 2.º grupo remunerados com vencimentos menores do que os do 1.º. Remuneração ideal seria, a meu ver, a que marcasse, para todos os docentes, um minimo de vencimentos, de accôrdo com a posição social que devem manter. A esse minimo seriam accrescentadas quotas correspondentes a um augmento de horas sobre o numero minimo de horas, e a um augmento de classes, sobre um minimo de classes. Seria mais equitativo assim. (1)

(1) Há professores, no curso normal, que dão 6 horas de aula por semana, e ganham a mesma coisa que outros que trabalham 12 horas por semana. Alguns leccionam apenas as duas secções em um anno só; outros, leccionam as duas sessões em dois annos, o que torna muito mais consideravel o trabalho. Pela tabella actual, no entanto, todos tem o mesmo vencimento, exceptuada a differença, para menos, dos do 2.º grupo.

Além disso, como o Governo costuma prover nesses cargos, não professores-artistas mas simplesmente artistas que, tantas vezes, não são brasileiros, foi preciso criar para as aulas uma classe de mestres contractados os quaes nem ao menos tomam parte na Congregação, ficando, de tal modo, em posição evidentemente inferior á dos seus collegas, docentes do 1.º grupo; e assim começam elles, os do 2.º grupo, a se desinteressar das questões attinentes á escola. Essa inferioridade resalta ainda mais quando da collocação dos alumnos na sala de aula, collocação feita só pelas médias do 1.º grupo, de maneira que os professorandos vão aos poucos se convencendo, erradamente vê-se, de que o 1.º grupo (linguas e sciencias) é superior ao 2.º (artes) na formação profissional, e que só áquelle devem ligar importancia.

Entretanto, se matérias há, essenciaes, num curso technico de ensino, são exactamente as do grupo indigitado; de facto é á musica, ao desenho, á gymnastica e ao trabalho manual que o instituidor (professor e educador) recorrerá com frequencia para treinos excellentes, cheios de interesse para a sua classe de crianças. E comezinho é em pedagogia «que dos dois moveis da actividade infantil—a necessidade e o interesse, o educador, na escola, só pode contar com o segundo e isto mesmo sem preconceitos teleiomorphicos (preconceitos de adultos) na satisfação das aspirações pelas quaes elle (interesse) se manifesta.» (1)

O desapêgo do alumno normalista pelas aulas do 2.º grupo provêm, outrosim, em grande parte, da falta de conhecimento prévio da importancia das referidas aulas, conhecimento que muito bem poderia ser dado em algumas explicações preliminares, no inicio desses cursos, pelos docentes respectivos. Não se fazendo assim, a orientação é falha nesse ponto, e as aulas começam sob uma desagradavel impressão de frieza, insipidez, inaproveitaveis, não raro degenerando os trabalhos numa completa patuscada, com aborrecimento para todos, á vista do tempo perdido.

Acho que o Governo só devia contractar ou nomear, para esses cargos, individuos que aos outros necessarios requisitos (moralidade, preparo, saúde, civismo, enthusiasmo, energia, etc.) juntassem mais uma larga noção do fim educativo da disciplina a ser por elles leccionada, e essa noção pedagogica em regra não a tem. No geral um docente contractado é um artista e este, habil embora, só enxerga a questão por um prisma: a formação de outros artistas, a educação esthetica da classe, a producção de

obras de arte, et cetera, quando o problema é assás mais complicado.

Não seria tão difficil como parece, obter um professorado assim, nessas condições pedagogico-artisticas, segundo a minha maneira de entender. Dos centenaes de professores preliminares do Estado, podem sair, como já tem saído, alguns moços habéis e intelligentes cuja competencia se manifestará muito vantajosamente nas aulas de artes das E. Normaes.

As Escolas Normaes em todas as partes do mundo são centros educativos profissionaes pedagogicos onde pessoas que se destinam ao magisterio, e só ao magisterio, vão criar habitos da profissão a exercer. O mestre, portanto, tem, na definição, o seu ponto de vista certo e infallivel: *elle vai formar professores e, quasi sempre, professores preliminares*. Deste principio tem de sair a norma de acção para todo o curso que se venha a fazer. O programma se organizará cuidadosamente de modo a, dentro do tempo que o legislador concede, poder se dar uma idea clara ao futuro mestre-escola, do campo que a matéria abrange, da importancia de taes ensinamentos na vida profissional e do proveito maximo a obter-se para a propria educação delle, alumno-mestre, e relativamente á modelagem dos alumnos que tiver, num proximo futuro, quando agir independente na escola publica a seu cargo.

O methodo de ensino, em circumstancias tão especiaes, não pode ser o mesmo que o de um artista, simples transmissor dos preceitos da sua arte, encarando apenas o resultado immediato do trabalho que faz, trabalho que será absolutamente improficuo se a natureza do alumno-mestre fôr ingrata sob o ponto de vista artistico, mas trabalho que algumas raras vezes fructifica noutro campo quando se encontra na classe uma verdadeira vocação. (1)

Segundo o meu modo de considerar as coisas, essa é uma das principaes lacunas na formação do professorado paulista, isto é, saírem os alumnos-mestres, diplomados, sem uma idea precisa do valor educativo das quatro disciplinas—musica, desenho, gymnastica e trabalho manual; e, porque há essa falha, logo no incio do curso normal se patentea a lei do minimo esforço, do esforço apenas justo para a obtenção da média final salvadora, excepto no caso de decidido pendor artistico, aliás raro, da parte do professorando. Deve-se insistir, constantemente, no que essa pratica tem de deleterio, pois SENECA (Lucio Anneu,

(1) A aula de modelagem em barro, na Normal de São Paulo, sob a direcção do Sr. Prof. Bruno Zwarg, já revelou o notavel talento de Francisco Leopoldo e Silva, para a esculptura.

(1) Artigo meu n.º «O Estado», de 25—12—1916, adiante transcripto.

4 a. C.—65) já affirmava que nós não devemos aprender para a escola e sim para a vida (*non scholæ sed vitæ discimus*).

Não tiramos, pois, nós brasileiros, o proveito que povos adiantados em coisas de ensino primario (preliminar e complementar) soem conseguir de disciplinas como as do *segundo grupo* das materias leccionadas nas Escolas Normaes, com vantagens numerosas para elles, já se vê.

Passarei agora em revista, uma a uma, as artes constitutivas do programma das tres Normaes Secundarias (São Paulo—PRAÇA, Itapetininga e São Carlos).

### 1.<sup>a</sup> AULA—MUSICA

Na escola preliminar a musica é o canto por audição quasi só. Coisa simples, muito facil de conseguir: entretanto não poucas escolas existem onde as crianças não cantam, porque o professor (peior ainda a professora) regente da aula, não é capaz de entoar uma simplissima melodia, porque não aprendeu isso nas Escolas Normaes! Parece incrivel, mas é a pura verdade, são ás dezenas os noveis professores incapazes de solfejar cantigas faceis, como as que se requerem para uso de crianças!

A naturalidade da cadencia é tão grande, que o homem normal apresenta excessivo pendor pela musica e sua correlata, a dança. O animal homem é cantor e dançarino de natureza. Ora já aqui está indicado o interesse da criança pelo canto escolar.

Demais, canta-se para renovar o ar dos pulmões, para activar a circulação, para se augmentar a capacidade vital—optima gymnastica respiratoria que é o cantar: são estes proveitos physicos immediatos. Hygiene do corpo, pelo canto, mas também hygiene da alma, pois a musica, além de servir de calmante para as paixões (inclinações exaltadas), ainda produz uma agradável excitação, preparatoria de algum esforço physico ou psychico. E' reconhecido de todos o chamado poder dynamogenico do canto; os operarios, por exemplo, cantam para que vençam trabalhos rudes e continuados, assim como o pratica o soldado em marcha: a canção militar é uma necessidade physio-psychologica. Da acção dynamogenica da musica nasce a dança, irmã gêmea da musica, mas a choreographia até hoje não penetrou os humbraes das nossas escolas, apesar de exprimir a mesma que- rença rhythmica que a musica e apesar das escolas norte-americanas praticarem-n'a largamente, como é facil de vêr em qual- quer revista norte-americana de ensino de creanças.

Os exercicios gymnasticos acompanhados de musica cantada constituem um dos mais bellos aspectos da escola, maxime de escola infantil. Mas não só bellos aspectos, senão utilissimos treinos physico-psychicos. A sabedoria popular affirma

que «quem canta, seus males espanta», e a sciencia nada mais tem feito do que confirmar absolutamente o conceito popular.

E' então preciso, e bem preciso, que as crianças cantem nas escolas; cantarão á entrada das aulas e do recreio, e cantarão á saída, e sem prejuizo da aula especial de canto na qual o professor ensinará nova letra, corrigirá vicios de pronuncia e ensaiará uma nova melodia, ao alcance, sempre, da criança. Porque muitos professores confundem canto e grito, alguns directores, mal orientados, prohibem o canto nas classes. Está positivamente errado. A criança deve por em acção os seus pulmões: se não conseguir cantar, não faz mal que grite um pouco; peor é que se cale. O que não for isso é estar fora do terreno infantil e querer para a infancia um regime de severidade e de modos graves de adultos, o que é, de certo, ridiculo. São preconceitos de adultos applicados á criança, são os taes *preconceitos teleiomorphicos*, de CLAPARÈDE, infelizmente ainda tão communs no nosso meio escolar infantil.

Nunca me esqueço do que li em ALBANO RAMALHO (1): «Tanto em Pariz como em Bruxellas não é raro denunciar-se a existencia duma escola, quando ainda estamos distantes do local, pela algazarra produzida pelos alumnos em recreio. Correm uns atraz dos outros, gritam, saltam, produzem um ruido enorme. Os professores vigiam sempre as classes, passeiam por meio dellas, quando se recreiam. Em lugar de lhes recommendarem silencio ou inenos ruido deixam-n'as em plena liberdade de pulmões e de pernas. O professor vigia-as, não para evitar que se divirtam livremente, entregues á sua propria iniciativa, mas para conseguir justamente o contrario». A aula de musica da escola primaria não é a aula do conservatorio, assim como não é aula de conservatorio musical a aula de musica da Escola Normal. Deixem-se de lado os preconceitos, para que as escolas preliminares sejam o que devem ser: verdadeiros centros de alegria e de trabalho fecundo. E o canto é a disciplina da alegria suavissima.

Num Paiz como o nosso, onde a cultura civica não é tanta que se possam desprezar, na escola, os elementos que concorrem a formá-la, parece que á musica dever-se-iam carinhos especiaes. Na «Revista do Brasil» de Janeiro de 1918, paginas 91 e 92, está um trabalho meu com algumas ideas a esse respeito. (2) Dizia eu, no artigo: «Quanto á musica, uma disposição aliás recente criou o «Orpheon» cuja direcção caberia á Escola Normal de S. Paulo: ao que parece, as Escolas Normaes do Inte-

(1) Impressões sobre as escolas da França e da Belgica.

(2) *Ensino e nacionalismo*, é o titulo do artigo.

rior esperaram em vão os regulamentos, programmas, instrucções que dalli deveriam vir. Seria, no entanto, o «Orpheon», um forte elemento para a tentativa de nacionalização da musica nas escolas normaes. Onde as collecções de hymnos officiaes e escolares, de aprendizagem obrigatoria, os primeiros; as collecções de cantos populares adaptados; de temas nacionaes destinados a composições variadas daquelles professores que o pudessem fazer com brilho?»

Os autores tratam abundantemente da importancia da musica na formação civica. No seu interessante capitulo *A Historia Patria* do livro «Educação Nacional» JOSÉ VERISSIMO refere o trabalho que se faz, nas escolas allemãs, relativamente aos cantos patrioticos dos quaes se tira um proveito enorme para infiltrar na alma infantil e nella gravar «indelevelmente o ensino didactico da historia patria.» Citando DUMESNIL o mesmo sobredito autor continua: «No ensino do canto far-se-á alternar os canticos e as canções populares. O fim é que cada escolar possa cantar com justeza e segurança não somente em côro mas só, e que ao sair da escola, possua perfeitamente um numero sufficiente de canticos e cantos populares, e ache-se tanto quanto possivel penetrado do texto destes ultimos.» E citando ADOLPHO COELHO, diz ainda: «Os cantos nacionaes devem occupar uma grande parte nos programmas das escolas, e dellas passar ás familias e á vida. O canto faz parte integrante da educação nacional allemã. E' preciso cultivar sobretudo (no estudo da musica) o canto popular allemão (das deutsch Volklied) a uma ou duas vozes.»

Ora, pelo que tenho observado, os formados pelas nossas escolas profissionaes pedagogicas, em que pese ao seu reconhecido patriotismo, são incapazes de realizar um programma de musica, sabio como o das escolas allemãs, por falta de boa orientação pedagogica nos mestres da matéria, nos Cursos Normaes. Acresce que no Brasil é preciso ainda um trabalho maior do que algures, pois não só o povo não sabe cantar por não estar a isso habituado, e assim torna-se difficil obter cantos populares, como também por não haver facilidade de se obterem collecções de cantos apropriados (1). Mesmo os hymnos officiaes,

(1) Actualmente (6—Maio—1920) sei de tres collectaneas de musicas para escolas:

—uma, arranjada em 1913, por ordem do Govêrno de Sergipe, impressa no Rio, na Imprensa Nacional;

—uma, do Sr. Fabiano Lozano, Professor de Musica na Escola Normal de Piracicaba, impressa em S. Paulo, em 1918, nas officinas da Cia. Ed. Musical Brasileira;

—outra, feita em São Paulo pelos Srs. Dr. Vicente de Carvalho, Prof.

que o Govêrno devia divulgar amplamente, são obtidos com bastante difficuldade e á custa do mestre-escola...

No entanto são tão fecundos os nossos poetas e os nossos musicistas! Que os nossos artistas de escol vão inspirar-se nos motivos populares, roceiros ou não para delles tirarem «paginas de emoção e de estylo á altura da verdadeira obra de arte.» (1) Porque desse trabalho nacionalista se não encarregam os Srs. Professores de musica das Normaes? O nosso *folk-lore* é abundante: porque não explorar o generoso filão do verdadeiro ouro nacional? Uma trêguazinha, Srs., em nome da Patria, aos byzantinismos do methodo analytico e ás complicadas superfetacões das topographias cerebraes!

Somos, afinal, um povo de tristonhos, e não fazemos, por meio da escola, o menor esforço para corrigir essa macambuzice irritante. Como não sabemos cantar, todos nós achamos o derivativo para a tristeza na anecdotia apimentadissima e na maledicencia picante.

*Jardim de crianças* chamou FROEBEL ás escolas infantis, porque alli o ensino devia conservar e augmentar os estimulantes psychicos que o genio de MONTESSORI tão bem condensou nas suas *Case dei Bambini*. Conservemos a santa alegria das nossas crianças, para que dellas se forme uma mocidade sadia e bem disposta e compenetre-mos do adagio popular tão repetido e tão pouco praticado: «quem canta seus males espanta».

## 2.<sup>a</sup> AULA—ESCRITURAÇÃO MERCANTIL

Esta disciplina é o que com inteira justiça se chamará um mal necessario. Nada tendo de pedagogica, presta, comtudo, excellentes serviços ao professor preliminar que, num Estado de vida carissima e dispondo de algumas horas vagas durante o dia, aproveita a vida commercial intensa para augmentar um pouco o fraquissimo orçamento da receita do mestre-escola.

Está muito bem assim; se verdade é que *nem só de pão vive o homem* não é menos certo que a grei não pode exigir sacrificios acima de um limite razoavel.

Carlos Gomes Cardim, Maestros Felix de Otero, João Gomes Junior e Antonio Carlos Junior. Esta collecção, mandada organizar pelo Sr. Dr. Oscar Rodrigues Alves, contém 71 poesias musicadas para uso das Escolas Primarias; uma parte das composições resulta de selecção feita, e o resto—42 numeros—foi escripto especialmente pelos membros da referida commissão. Ver «Jornal do Commercio», de São Paulo, de 29—4—1920 e o «Diario Official» paulista de 1.º—5—1920.

(1) Palavras do redactor musical do «O Estado», em 20—3—1920.

3.<sup>a</sup> AULA E 4.<sup>a</sup>—CALLIGRAPHIA E DESENHO

Dizia o bom PESTALOZZI: «a actividade é uma lei da meninice: ensinai os meninos a fazer; educai a mão.»

Sendo a escripta uma applicação do desenho, acho que não haveria necessidade de se ensinar calligraphia na Escola Normal. Quem sabe desenhar um pouco, faz qualquer typo de letra. Quanto á escripta usual parece que ella deve revelar o maximo do temperamento de cada um, tornando-se o mais caracteristica possivel; a graphologia só pode existir com a naturalidade completa do traço, sem os impedientes arrebiques calligraphicos. Mais proveitoso fôra haver nas Normaes, em substituição á calligraphia, e como exercicio profissional, algumas aulas de *illuminura*.

Vou, porém, ao desenho: é elle um auxiliar de primeirissima ordem no trabalho quotidiano do mestre escola. Professor que não souber desenhar não é bem professor, pois está com a sua efficiencia didascálica diminuida.

No desenvolvimento de uma lição, no esbôço de um aspecto, no apresentar um eschema, na aula de leitura, na de escripta, na de arithmetica, na de historia, na de geographia, de physica e chimica, na de sciencias naturaes, et cetera, et cetera...

Seria longo enumerar todas as grandes applicações do desenho na escola, do *desenho pedagogico*; quero dizer, desenho auxiliar de todas as lições. Além desse indiscutivel e enorme serviço que presta constantemente ao mestre-escola, elle é ainda a arma poderosa de educação esthetica por acostumar a vista á justeza das proporções e aos effeitos de luz. Além do mais, pondo em acção ao mesmo tempo a vista e as mãos, dá ao espirito pelo exercicio continuado, o habito do vêr e produzir exacto, contribuindo não pouco para a educação moral do individuo, dado o treino da verdade, sem comtudo cooperar para que se elimine a imaginação, antes desenvolvendo-a nos seus effeitos ambos de reproduzir e criar.

Como ensinar-se o desenho aos alumnos-mestres? Desenvolvendo-se prudente e sabiamente um programma que lhes permittisse agir na escola primaria com todas as vantagens decorrentes da disciplina considerada.

O docente de desenho, assim como os das outras artes, tem de conhecer o trabalho da escola preliminar. Os seus alumnos, alumnos-mestres, devem estar familiarizados com obras da natureza do «Manuel de Dessin», de GASTON QUÉNIoux e «Les dessins d'un enfant», de G.-H. LUQUET; instrucções como «Conseils aux instituteurs sur les nouveaux programmes de l'enseignement du dessin» por POTTIER e SERVIER; trabalhos como um que foi traduzido pelo saudoso professor JUVENAL

PENTEADO, e que se intitula «A natureza é a verdadeira mestra de desenho», e tantos outros excellentes.

Não é isso o que se tem feito: o fito do ensino, actualmente, com honrosas excepções, é obter productos de arte duvidosa para uma exposição de fim de anno lectivo, a qual nenhum valor educativo tem.

E' opinião assás espalhada, e justa, a que acha que cada professor de Escola Normal deve zelar muito da pedagogia de sua matéria. A objecção costumeira já a estou ouvindo: que não, que a parte pedagogica fica ao encargo dos professores de pedagogia, que das Normaes tem saído muitos mestres de crianças que o podem ser de desenho, etc.

Ora, tirando o caso da vocação pronunciada que era assidua ás aulas e não procurava burlar o preceito da obrigatoriedade de comparencia e que conhece, mais ou menos por intuição, os tratadistas de nomeada, o elemento que sobeja é lamentavelmente ignorante da materia quanto ao partido a tirar na vida professional. Não resta duvida, por outro lado, que aos docentes das cadeiras de pedagogia e methodos compete uma grande parte no programma que acima esbocei, mas como as Normaes devem ser escolas technicas, nenhum mal fará a convergencia de esforços neste ou naquelle sentido, antes isso parecerá bem aos espiritos lucidos, com vantagens varias para os discentes. Sou até partidario de um programma nacionalista de desenho.

Em matéria de desenho infantil, gravou-se-me na memoria o que vem na pagina 29 da 5.<sup>a</sup> ed. (1911) do livro de QUÉNIoux. E' um trabalho do Curso Infantil (de 5 a 7 annos) e procura illustrar a celebre cançoneta

«Malbrough s'en va-t-ën guerre  
«Mironton, mironton, mirontaine  
«Malbrough s'en va-t-en guerre  
«Ne sait quand reviendra»

E' um desenho colorido, bastante expressivo para mostrar o modo como se gravam as lendas, contos e narrativas historicas na mente da infancia, e o partido que a hodegetica há de tirar desse conhecimento.

As nossas flora e fauna, os nossos mineraes, os aspectos do céu brasileiro e da brasileira terra são mananciaes inexgotaveis para uma aula de desenho natural movimentadissima. Por outro lado, a Historia Nacional fornecerá um material farto, não só na illustração dos trabalhos escriptos como e principalmente na producção de scenas historicas (desenho de imaginação). A viagem de Colombo, os incas e os aztecas, os indigenas brasileiros, a armada de Cabral, a fundação das tres grandes cidades

—São Salvador, Rio, São Paulo; a guerra holandesa, a vida dos negros, a independência... mas que sei eu? Uma copia extraordinária de factos históricos interessantissimos que poderiam ser postos em quadros do genero expressivo do acima referido, representando o famoso LORD JOHN CHURCHILL, DUQUE DE MARLBOROUGH, vencedor em Hochstædt, Ramillies e Malplaquet... O *folk-lore* produziria, nas mãos de um docente habil e geitoso um programma largo e fructifero cujos resultados nós apenas podemos lobrigar; o irrequieto *sacy*, o arceiro *caapora*, a agitada *mula-sem-cabeça*, o multiforme *lobishomem*, são assumptos tão dignos como o matreiro *Papá-Noel*, e os insignificativos *anões* (*niebelungen*) de que os nossos jardins se estão idiotamente povoando. As historias do *pequeno-pollegar*, de *Ali-Babá e os 40 ladrões*, da *bella e da fera* não são em coisa alguma superiores ás nossas lendas como a de *Sumé*, a da *Yára*, as nascidas da epopea bandeirante e tantas outras.

A's escolas de artifices e ás industriaes o desenho geometrico, o desenho industrial, o architectonico e quejandos, com os methodos proprios da formação de artistas-operarios. A's escolas de bellas-artes o desenho eivado de classicismo, apto a produzir o artista-pintor ou qualquer outro.

Na escola professional pedagogica o que se requer é que o desenho-pedagogico seja apprehendido pelo alumno-mestre, com uma orientação sabia e patriotica e que o professorando fique apto a tirar dessa disciplina todo o proveito que ora não tira por ignorancia, cuja culpa todavia lhe não cabe. Agora, o que se observa é que os mestres preliminares acham valer menos o desenho do que qualquer outra das disciplinas do programma. A nossa melhor escola preliminar é, incontestavelmente, o grupo-escolar: pois bem, corram-se as classes dos grupos, não há desenho vívido, desenho fecundante, e o que existe com o nome de desenho é um producto tão rachitico, tão mirrado que a gente fica a scismar se não fôra supprimí-lo de vez.

### 5.<sup>a</sup> AULA E 6.<sup>a</sup>—GYMNASTICA EDUCATIVA

Entendo que toda a gymnastica, ao sério, é educativa; acho, portanto, uma redundancia o termo *educativa*. Mas, como é regra de interpretação que o legislador nunca emprega palavras inúteis, tento penetrar o sentido do titulo da aula. O legislador aqui desejou pôr bem ao vivo o seu intento: não se de-seja para o curso das Escolas Normaes uma aula qualquer de gymnastica, e sim uma aula de gymnastica que prepare o alumno-mestre a praticar efficientemente essa disciplina nas escolas aonde fôr, na pratica da nobre missão de ensinar e educar. Mas o legislador deveria ter acrescentado o termo *educativo* a cada

nome designativo de uma aula: musica educativa, desenho educativo, gymnastica educativa e trabalhos manuaes educativos. Não tendo assim se exprimido, com referencia ás demais aulas, melhor teria dito o legislador, no caso vertente, em vez da expressão usada, GYMNASTICA E AGONISTICA. Esta segunda palavra, que antigamente significava a arte do athleta completo, é proposta por ANGELO MOSSO para exprimir *todos aquellos exercicios usados nas escolas* e que escapam ao termo *desporto*. *Gymnastica*, exercicios regulares, individuaes ou collectivos, compostos de movimentos certos e determinados; *agonistica*, todos os exercicios livres, individuaes ou collectivos, que se praticarem nas escolas, e que não incluem muitos desportos.

Ora, de accôrdo com o mesmo criterio que adoptei para as outras duas materias anteriores, vê-se que os docentes de gymnastica teem, em primeiro lugar, de interessar-se porque seus alumnos comprehendam o fim da gymnastica na escola primaria (preliminar e complementar). Só então e sem perder de vista que estão concorrendo para formar directores de educação physica de crianças e não acróbatas ou desportivos, só então devem julgar-se aptos para o desenvolvimento dos numerosos exercicios que devem constar do programma.

Inspirando-se um pouco nas melhores tradições hellenicadas palestras e dos gymnasios, e conhecendo o que de mais aperfeiçoado a sciencia indica quanto á cultura physica, e além disso, animando-se de um nobre entusiasmo para bem servir a Patria, poderá um docente de gymnastica organizar um admiravel programma do qual ressaltem a esthetica, pela harmonia do movimento e o gracioso das figuras; a athletica, no formar-se e desenvolver-se em perfeito equilibrio a musculatura solida e rija; a hygiene, a puericultura e a eugenica, em conselhos sabios e em exemplos edificantes; a intelligencia, pelo sempre novo aphorismo de JUVENAL; *mens sana in corpore sano*; a moral, finalmente, pelo habito de obedecer, pelo de mandar, pelo esforço no executar do melhor modo a resolução tomada e, no exercicio livre, pela formação de habitos de iniciativa, destreza, coragem, tenacidade, e tantas bellas qualidades de character que nunca são demasiadas entre quaesquer povos. «O que eu peço á instrucção e á educação, diz GUSTAVO LE BON, é que desenvolvam o espirito de observação e de reflexão, a vontade, o juizo e a iniciativa. Com essas qualidades o homem sempre vence naquillo que emprehe, e aprende o que quizer quando isso necessario lhe fôr.» E mais adiante: «A educação deve ter por fim desenvolver certas qualidades de character, taes como a attenção, a reflexão, o juizo, a iniciativa, a disciplina, o espirito de solidariedade, a perseverança, a vontade, etc.» E continuando: «As qualidades que eu acabo de enumerar teem uma utilidade

capital na vida, e é por esta razão que os Ingleses tanto cuidam em desenvolvê-las nas pessoas de tenra idade. Elles o conseguem por meio dos chamados jogos educadores, jogos que seria inutil explicar aqui, porque, sendo violentos e por vezes perigosos, fôra impossivel introduzi-los entre os Latinos.»

Na sua admiravel «Psychologie de l'éducation» de onde tirei os trechinhos supra, o philosopho francês não cessa de pregar a criação e o desenvolvimento da maxima qualidade: o dominio de si mesmo. Pois bem, tudo isso pode ser conseguido por um bom docente de gymnastica e agonistica, de maneira que, saídos da Normal, os professores novos não necessitem uma reeducação para obterem esses ideaes gymnasticos e agonisticos entre seus alumnos. Essa é a boa orientação, patriotica, nacionalista.

Quando tratei da musica referi-me ao consorcio della com a gymnastica. Francamente, nas Escolas Normaes, raras vezes se vê um treino dessa natureza; não admira que depois o mestre-escola não saiba fazer semelhante coisa, de que elle talvez nunca tenha ouvido fallar.

#### 7.ª AULA E 8.ª—TRABALHOS MANUAES

Cada vez que tenho de tratar desta disciplina, fico cheio de tristeza por vêr o pouco caso que lhe damos. Muito mais praticos do que nós e acostumados a tirar partido das coisas boas, os norte-americanos tem dado tal desenvolvimento a esta matéria, nas suas escolas de todos os graus, que nós aqui no Brasil nem de leve imaginamos.

Além do que, não se limitando a um só modo de ser, tem os norte-americanos, com um espirito de liberdade e iniciativa que muito os honra, criado varios systemas de trabalho manual, cada um delles com os seus princípios, as suas leis, lutando cada systema por adquirir preponderancia numa concorrência muito leal e sincera.

No livro excellente de OMER BUYSE «Méthodes Américaines d'E'ducation» encontram-se quatro systemas estudados, e são elles:

1.º—O systema *pedagogico*, de origem sueca, conhecido por *slojd* ou *sloyd*. Este systema «repousa sobre o principio de FROEBEL: a educação pela acção, e tem a sua fonte na obra escolar de COEGNUS, da Finlandia. Elle foi elevado á altura dum systema pela escola normal de Naäs, na Suecia, e dahi invadiu o mundo civilizado, transformando-se segundo as latitudes, os costumes, a mentalidade das raças.» Foi uma philanthropa americana, a Senhora QUINCY A. SHAW quem, em 1888,

introduziu o *sloyd* nos E.E.-Unidos, pela primeira vez. Os trabalhos foram iniciados por LARRSON, instituidor sueco, alumno de Naäs. A adaptação mais modesta do *sloyd* é a chamada *sloyd de faca*, que pode ser dada nas classes e está ao alcance das mais pobres escolas;

2.º—o systema DELLA-VOSS, de origem russa, também denominado systema *technico*, iniciou-se em 1875, no Instituto de Technologia de Boston, graças aos esforços do Sr. RUNKLE, seu director, o qual ficára vivamente impressionado com os resultados da exposição naquelle mesmo anno, em Philadelphia, dos trabalhos executados na escola *technica superior* de Moscou, da qual DELLA-VOSS era vice-director;

3.º—o systema *social*, a cuja frente acha-se o nome respeitavel do insigne pedagogista JOHN DEWEY, assás conhecido;

4.º—o systema *artístico*, de TADD, de Philadelphia.

Na luta desses varios systemas procura-se attingir ao maximo da eficiencia, em cada systema, resultando dahi um vastissimo trabalho de divulgação que, por sua vez, inspira novas pesquisas, originando-se dessa lida fecunda qualquer coisa de empolgante, muito fora dos nossos costumes brasileiros.

O *sloyd* é o systema educativo, por excellencia, e só deve ser posto em acção pelo professor, pelo homem de ensino. De modo que, sendo os nossos professores de trabalho, das Normaes, homens de artes e officios, não poderão realizar os principios rigorosos do *sloyd*.

Como há tempos tratei já desta questão do trabalho manual, em artigo n.º «O Estado de São Paulo» de 25 de Dezembro de 1916, transcrevo aqui o referido artigo, que não deixa de ter a sua oportunidade:

#### «O «SLOJD» NO BRASIL

O Sr. Aprigio de Almeida Gonzaga, professor normalista secundario e director da Escola Profissional Masculina de São Paulo, acaba de publicar um elegante volume sobre o que o autor intituiu — O SLOJD.

O livro consta de cerca de uma centena de paginas occupadas pelo texto e pelas gravuras e foi impresso nas officinas da Casa Duprat, da capital, sendo as illustrações confiadas ao Sr. E. Behrendt.

A olhos pouco affeitos a coisas de pedagogia parecerá estranho o titulo do novo e interessante livro, mas a questão é simples, nenhuma dificuldade apresenta o termo, aliás pertinente e vulgar entre pro-

fessores que se não deixaram fossilizar na sua rotina condenável. A palavra «slojd», também «sloyd», (forma esta que eu preferiria), pertence ao vocabulário sueco e quer dizer «trabalho manual». É este o significado originário da palavra, porque actualmente ella exprime não todo o trabalho manual, senão apenas uma determinada orientação, porventura a melhor na pratica da utilissima disciplina, tão descuidada entre nós.

«Sloyd» ou «slojd» é o trabalho manual «tal como é ensinado no seminário (escola normal) de de Naäs, dirigido por Otto Salomão», diz Guex na sua conhecida «Histoire de l'Instruction et de l'Éducation».

O fim do «sloyd» é puramente educativo, sem intuitos de formar habéis profissionaes, artifices ageis. Com o «sloyd» quer-se obter o triplice fim de toda a boa educação que, já dizia Platão, «consiste em dar ao corpo e á alma toda a belleza, toda a perfeição de que elles são susceptiveis.»

A «educação physica» é obtida pelo «sloyd» no esforço, na coordenação muscular, nos movimentos precisos; a «educação intellectual» é attendida no applicarem-se as faculdades do espirito para que se realizem as tarefas e no seu aperfeiçoamento: quer os processos mentaes inferiores quer os superiores opportunamente se desenvolvem na pratica dos trabalhos quotidianos; a «educação moral» emfim (e é aqui que o «sloyd» transcende, é aqui que se manifesta toda a sua importancia) obtem-se não só na aquisição do habito do esforço pelo desenvolvimento da attenção voluntaria, como na disciplina organica e mental que estabelece, proveitos directos da applicação manual, intimamente relacionada com o funcionamento do espirito, através do sentido fundamental do tacto e do sentido scientifico por excellencia, a vista.

Quanto ao tacto, quem quizer saber de que prodigios é capaz, que leia o livro de Helena Keller — «Historia de minha vida» — e ficará maravilhado. Da vista dispenso-me de gabar-lhe os meritos.

O «sloyd» tem uma grande voga na sua patria de origem, a Suecia, onde elle se acompanha pelo desenho: a ordem é mesmo essa — primeiro, esboço de modelos; depois, realização dos modelos esboçados.

Saibam, de passagem, todos quantos o ignoram,

que a Suecia é um dos paizes que melhor organização de ensino primario, seja no seu ramo preliminar, seja no complementar. Foi na Suecia que os americanos do Norte foram buscar os principios do trabalho manual, procurando desenvolvê-lo e acclimatá-lo. Tal foi o impulso que tomou essa questão nos Estados Unidos, que podemos hoje encarar o grande paiz como a patria de adopção do «sloyd».

Dada, porém, a superior comprehensão que os americanos têm da organização do ensino, deixando a cada professor a iniciativa para orientar o curso de modo que intelligente e proveitosa emulação logo surge, duas vias caracterizaram-se depressa nas escolas da America do Norte, por onde o trabalho manual se canalizou por todo o paiz.

Omer Buyse, de Charleroi, no seu magistral relatório intitulado «Méthodes Américaines d'Éducation», refere com palavras de admiração estes factos dignos de vulgarização. Foram estas as duas vias:

1.ª) A vida frœbeliana, que começa no jardim da infancia e conduz, alargando-se, á escola primaria, onde ella attinge ao «sloyd» nas classes superiores.

2.ª) A via technica, de origem russa, conhecida pelo nome de systema Della-Voss; partida da escola technica superior, ella desceu pelas escolas secundarias para as classes superiores das escolas primarias, lutando, neste terreno, com o «sloyd» de origem sueca.

Vemos, pois, que a primeira via é ascendente visto como surgiu com as occupações frœbelianas nos jardins da infancia, e que a segunda é descendente porque chegou á escola primaria através dos cursos technicos médios, tendo sua origem na escola technica superior de Moscou, donde o nome de «systema russo», pelo qual é conhecido.

O «sloyd», meramente educativo, não tendo em vista de maneira alguma o preparo profissional, ia sendo batido pelo systema technico, russo, o qual, dada a sua tendencia, buscava formar artifices prestimosos. Foi então que os americanos, com Larrison á frente, notaram que o «sloyd» das suas escolas não estava adaptado convenientemente porisso que lhe faltava a base psychologica, constituida pelos seus «centros de interesse».

Era um «sloyd» sueco servindo interesses americanos.

Larrison, alumno da Escola Normal de Naäs, ini-

cia, por volta de 1888, um movimento, em consequencia dessa desoberta, tendendo a se criarem, nas escolas, centros de interesses nacionaes, afim de que o «sloyd» pudesse ter as suas raizes na vida do grande povo.

Após o estabelecimento dessas bases psychologicas com a criação dos centros de interesse, o «sloyd» tomou um impulso magnifico e, apesar das tendencias utilitaristas da escola americana, apesar do prodigioso desenvolvimento do ensino profissional tecnico (elementar, secundario e superior), o «sloyd» firmou-se definitivamente nos Estados Unidos.

Isto é tanto mais de notar quanto o mesmo Omer Buyse, em todo o seu livro, tem palavras de encomio para o espirito descentralizador americano; é d'elle este trecho: «Nada repugna mais ao espirito americano do que a uniformidade, a laminagem das ideas; despertar a personalidade das crianças e provocar as manifestações della, excitar-lhe o espirito de invenção, de criação e de execução, tal é a propria essencia dos methodos de educação.» Essa liberdade, essa descentralização constituem a melhor prova da excellencia do «sloyd» pois não fôra elle superior nos seus resultados e estaria banido da America do Norte. Demais o «sloyd» é a disciplina ideal para os fins educativos das escolas «yankees».

Ahi vão alguns principios do «sloyd», conforme o livro de Buyse:

1.º—Os professores de «sloyd» devem ser homens de ensino e não artifices;

2.º—O ensino deve ser systematicamente progressivo, e, á excepção de certas demonstrações de classes, tanto quanto quanto possivel, individual;

3.º—O trabalho deve ser escolhido para dar o melhor desenvolvimento physico, por movimentos livres e vigorosos;

4.º—Os resultados visiveis, isto é, os trabalhos feitos, devem representar o esforço pessoal do alumno. Em principio, as operações não devem introduzir nenhuma divisão do trabalho e excluem praticamente o emprego das machinas-utensilios.

5.º—Os exercicios, cuja progressão conduz do trabalho facil ao trabalho mais difficil, devem appli-

car-se a objectos attrahentes, cujo uso pode ser comprehendido e apreciado pelo alumno; (1)

6.º—Os trabalhos não comprehendem somente a execução de objectos que podem ser realizados exactamente com o auxilio de instrumentos de medida; elles devem sobretudo fazer-se a mão livre e exercitar particularmente o sentido das formas e das proporções pela vista e pelo tacto;

7.º—Uma importancia especial é ligada á limpeza, á exactidão e ao acabamento da execução, com o fim de inspirar o amor do bello trabalho pelo proprio trabalho e de desenvolver o espirito de apreciação independente.

Não ficaram entretanto os americanos apenas com esses dois systemas. Foram além. Criaram mais o «systema social» e o «systema artistico».

O «systema social» nasceu pelos esforços de Dewey, o grande psycho-pedagoga americano e tem o seu «habitat» em Nova-York, em escola para isso installada. O systema attende tanto quanto possivel ao principio do parallelismo ontogenético e phylogenético, procurando por isso desenvolver o espirito do alunno numa recapitulação abreviada da evolução das sociedades.

«Os methodos de trabalhos manuaes de character social são, diz Buyse, uma reacção violenta contra o estudo das palavras e dos symbolos, através dos quaes as crianças jamais vêem as coisas. Elles fazem repou-sar a educação sobre os factos, sobre a propria substancia dos conhecimentos.»

O «systema artistico» é tambem uma tentativa, para combater a ausencia de gosto na America do Norte, preparando o espirito para mais tarde, pelas leis da hereditariedade, surgir sobre o ouro accumulado dos industriaes, uma brilhante floração de artistas que agora lá não existe. O systema artistico foi iniciado graças aos esforços de Tadd, director de uma escola de Philadelphia.

O trabalho que o sr. prof. Aprigio acaba de publicar, posto seja organizado por um director de escola profissional, obedece nas suas linhas principaes

(1) Os objectos são simples, de boas formas e proporcionados

ao plano do «trabalho manual pedagógico», ao «sloyd» propriamente dito que, como já ficou dito é apenas educativo, tendo o mesmo fim que qualquer outra das disciplinas ensinadas nas escolas preliminares.

Os exercícios obedecem a uma boa seriação indo desde os modelos de simples tecelagem (ocupação froebeliana) até ás curiosas combinações em madeira, com escalas pelas construcções em papel cartão simples e combinado com palitos e outros exercicios de cartonagem.

O autor, sabendo que o trabalho em madeira está quasi completamente banido das nossas escolas, procura fazer delles o eixo do seu systema, o que é de indiscutivel vantagem. Entre nós, afóra umas aulas de prendas domesticas (crochet, costuras simples, et cætera) para as meninas e uma ou outra tentativa para a introducção da modelagem em barro para os meninos, nada ha que lembre o admiravel movimento de que os Estados Unidos se têm tornado o campeão.

O sr. prof. Gonzaga pretende ter conseguido atender á questão vital do trabalho manual, com a organização de «centros de interesse» nacionaes nos varios exercicios do seu livro. Terá elle boas razões para assim pensar, posto que só algum tempo de pratica na escola, segundo julgo, possa mostrar a realidade ou não da existencia de taes interesses, sem o que a criança não agirá convenientemente.

O autor, melhor do que ninguem, sabe que dos dois moveis da actividade infantil—a necessidade e o interesse, o educador, na escola, só pode contar com o segundo e isto mesmo sem preconceitos teleiomórficos na satisfacção das aspirações pelas quaes elle se manifesta. Já nos referimos ao insuccesso na primeira tentativa de introducção do «sloyd» na America do Norte, pelo motivo de ser elle transplantado e não adaptado.

O trabalho do sr. professor Gonzaga é opportuno: num momento de azáfama na campanha disciplinadora do paiz, cujo maior mal é a ausencia de organização, uma disciplina como o «sloyd», introduzida nas escolas de todos os graus, não poderá deixar de nos prestar os mais relevantes serviços.

A escola paulista, apesar das suas imperfeições, tem, ufano-me em dizê-lo, desempenhando uma tarefa

magna no nosso Estado e que já começa a reflectir-se no Brasil todo: ahi temos, por exemplo, o caso dos voluntarios de manobras cujo espirito patriotico se formou no ambiente favoravel das nossas casas de ensino.

Tenhamos, porém, o trabalho manual systematizado (o que não quer dizer uniformizado), em todos os estabelecimentos de ensino, criemos mestres aptos na pratica do «sloyd», compenetrê-se o professorado do partido que pode tirar de tal disciplina, sejam tambem as alumnas das Normaes iniciadas nos trabalhos em barro e em madeira e, affirmo-o sem receio de contestação, dentro em breve, mesmo sem o serviço militar, o paiz tomará outro rumo na sua marcha.

Não deixemos passar sem menção uma vantagem enorme que será obtida com a introducção do trabalho manual systematizado e generalizado entre nós e é a de extinguir os residuos do preconceito contra o trabalho material, fundamente radicado na nossa gente em virtude da existencia da nefanda instituição do elemento servil cujos efeitos perniciosos ainda supportamos. Não se pode negar que é um fim altamente social o combate a esses resquicios da escravidão.

Seja o distico das nossas escolas—A ORGANIZAÇÃO DO PAIZ PELO TRABALHO MANUAL.

Parabens ao operoso sr. professor Gonzaga, pelo seu livro, destinado a prestar um utilissimo serviço.

S. Carlos, 16 de Novembro de 1916.

CARLOS DA SILVEIRA

O artigo acima já tem mais de tres annos; a situação do trabalho manual nas Normaes continua a ser incolor, amortecida: na secção masculina, um pouco de marcenaria e outro pouco de modelagem em barro; na secção feminina, apenas trabalhos de costura, bordados e outras similares prendas domesticas. Vê-se que ainda nessas aulas ou predomina um critério artistico suspeito (quadros, almofadas, bordados, gravuras, roupas brancas) ou sobresaie um utilitarismo trivial (remendos, caseados, pregagem de botões)—critérios esses que ainda não são os verdadeiros; a prova ahi está: não há coisa mais enfadonha para os alumnos-mestres de ambas as secções do que a aula de trabalhos manuaes.

Criados nesse regime de maçada durante dois ou tres annos, quando d'elle se libertam é com um grande suspiro de

allivio, mas suspiro que contrista o verdadeiro educador, aquelle que espera a regeneração do Paiz pela obra das escolas publicas.

Porventura algum professor de trabalho manual já volveu os olhos, num dia de fastio, para o problema da cultura civica pelo trabalho manual?

E' de observação corrente no nosso professorado, que a criança brasileira é viva, esperta, irrequieta. E' também de observação vulgar que «a actividade sem juizo é mais ruinosa que a preguiça». Pois ahi está: provoque-se a alliança da vivacidade brasileira com a pratica do trabalho manual educativo, aquelle que «conduz a criança, como pela mão, da educação do systema muscular á do systema nervoso e dos sentidos, da dos sentidos ás noções, das noções ás ideas, das ideas á moralidade» (1). Ninguem negará a superior belleza deste ideal a attingir.

Quanto ás duas aulas restantes, a 9.<sup>a</sup>—DACTYLOGRAPHIA E TACHYGRAPHIA apenas funciona na escola de São Paulo e não tem as minhas sympathias, como as possui a de escripturação mercantil. A 10.<sup>a</sup>—ARTE CULINARIA, que também só existia na normal de São Paulo, foi supprimida há tempos. Mereceria ella, apesar de tudo, os meus applausos, se fosse uma aula de cozinha rapida e economica, onde a moça apprendesse bastante hygiene alimentar, o valor e o preço das substancias alimenticias usuaes, entre nós, de modo a saber agir scientificamente e economicamente em assumptos culinarios, tão importantes na vida de uma familia.

Assim, por exemplo, acho que a alumna uma vez concluido o curso de arte culinaria, na *Escola Normal*, deveria ter aptidão para organizar, pelo preço ao alcance do povo, refeições para o trabalhador rural, para o intellectual, para o são e para o doente, por conhecer perfectamente a composição das substancias alimentares, uma coisa assim parecida com o que se acha no livro do DR. EDUARDO DE MAGALHÃES, «Hygiene Alimentar», obra que toda a familia precisaria possuir e ler tanto quanto certas donas de casa o praticam com o seu manual de rezas. Aula, porém, que era, de quitutes caros, e taes são os que se encontram no livro que na classe se adoptava, não era positivamente aula educativa de gente pobre, como, no geral, é a que procura o magisterio preliminar; aliás, fazer doces gostosos sempre foi apanagio das senhoras brasileiras. De maneira que, se a moça vai exercer a profissão de mestra, para a qual se diplomou, não disporá de tempo para cozinhar as proprias refeições e, se as

Guex,—Hist. de l'inst. et de l'éduc.

horas lhe sobram, jamais irá apromptar tantos e tão finos guizados... finos de mais para o paladar de professor publico a 350\$000 mensaes, na melhor hypothese. Quanto a combater preconceitos, creio que, a não ser meia duzia de *melindrosas*, nunca a brasileira, dona de casa, manifestou má vontade pela parte principal das nossas moradias—aquella em que se manipulam os elementos destinados á formação e ao retempêro do organismo sadio e da qual depende o bom trabalho do corpo, do espirito e até o futuro da nacionalidade, se é certo que as boas raças fazem-se pela bocca.

São Carlos, 22 de Março de 1920.

CARLOS DA SILVEIRA

(Da 11.<sup>a</sup> cadeira)

## FIM DO DESENHO NAS ESCOLAS

### PRIMARIAS E NORMAES

Já por varias vezes tenho tentado esplanar as minhas idéas sobre a finalidade do desenho nas escolas preliminares e o conveniente encaminhamento do seu ensino nas escolas normaes, aliás mais ou menos estabelecidos pela opinião de varios luminaries da pedagogia moderna.

A difficuldade, porém, em systematizar as razões fundamentaes que justificam essas idéas, os varios aspectos que se podem dar ao ensino de desenho e os beneficios que o seu exercicio sempre proporciona aos aprendizes, me tem levado a protelar este trabalho. Fazendo-o agora, é possível que me aventure ainda em affirmativas prematuras, embora me pareça ter chegado ás conclusões finaes do ensino de desenho.

\*  
\*\*

Para o professor a necessidade de conhecer o fim a que se destina uma materia é indiscutivel, imprescindivel. Nunca poderá dar conscientemente um desempenho cabal á sua missão, desde que não tenha pensado maduramente em toda a ossatura do seu trabalho e no objectivo do seu ensino. Só canalizando os seus esforços, as suas tentativas, as verdades do seu saber para um determinado fim, o fim necessario e conveniente, é que poderá conduzir o educando ao gráo maximo de que este necessitará, talvez em sua actividade futura. De outro modo o trabalho será *dispersivo* sinão *inutil* e o professor só terá successo feliz si encontrar disposições favoraveis ao alumno. Vejamos um exemplo.

Imaginemos que numa escola normal, em que é necessario accidentalmente ministrar conhecimentos de perspectiva, de planreza completa de um trabalho, os elementos indispensaveis, em-bora theoreticos, para o traçado intelligente e expressivo de uma sombra, uma noção summaria sobre imagens reflectidas, si o ensino chegar a tanto, eu me detivesse na util mas fastidiosa theoria da perspectiva linear e na perspectiva das sombras, nos reflexos e anamorphoses, a traçar ou a fazer traçar «piédouches», birros, roscas, fachadas, arcos, projecções de molduras e volutas, escadas em caracol; a estudar planos e rebatimentos, pontos brilhantes, distribuição de sombra e de luz, épuras e mais complicações. Eu teria evidentemente perdido o meu tempo e o teria feito perder aos alumnos pelas razões seguintes:

a) porque o tempo é escassissimo para um desenvolvimento dessa natureza;

b) porque os alumnos, salvo rarissimas excepções, não ligam a menor importancia a esse genero de trabalho, alheio ás suas vocações;

c) porque os alumnos não se vão utilizar desses conhecimentos na pratica do magisterio;

d) porque os alumnos perdem o ensejo de adquirir o que lhes é mais essencial para as lições ás classes preliminares, isto é, a pratica de desenhar livremente, o desembaraço de traçar as fórmulas da natureza com maior ou menor perfeição.

Com um ensino daquella ordem eu poderia ter-me mostrado, quando muito um conhecedor profundo de minha materia, com pretensões áquelle professor suiso que para mostrar aos seus discipulos a enorme sciencia que possuía, dizia-lhes: — Sobre esta materia eu só conheço dois professores inteiramente sabios: o *outro* está em Genebra.

O que se dá em desenho, dá-se com toda a materia sobre a qual o professor faz divagações ou entra em funduras sem cabimento. E' o que se dá parallelamente no estudo da lingua nacional. Ha perda de tempo quando as lições praticas desta são substituidas pelo latim, cuja inutilidade para o fim a que se destina o professor é clamorosa. E que perda! Quanta belleza extraordinaria na vasta literatura de nossa lingua poderia ser aproveitada para a cultura esthetica dos noveis professores, que acendrado amor não se diffundiria em seus corações com o culto assiduo aos artistas que, immortalizando-se, tanto enalteceram nossas letras!

O latim, não ha duvida alguma, é de grande vantagem para o conhecimento do vernaculo; é indispensavel para quem deve fazer um curso especial do idioma patrio; não ha tambem

entre aquelles que o estudam *uma vida inteira* quem não o exalte pela sua excepcional riqueza e esplendor. A sua pratica é, no entanto, inadmissivel no curso estreito de uma escola normal, bem como ninguem provou que proporciona beneficios ou vantagens ao estudo que nestas escolas se faz.

E' evidente, pois, que tomar o tempo com aquillo que não pode ser ministrado de uma materia, embora seja cabedal de importancia para o seu conhecimento profundo, é prejudicar de maneira grave os interesses do estudante, que visa um objectivo diverso em sua carreira, lesando a parte da materia que lhe é mais necessaria ao exercicio de sua profissão.

O desvio de ensino do desenho pratico para o estudo theorico é um erro funesto nas escolas normaes. Do mesmo modo seria funesto o desvio do estudo para a contemplação exclusiva da natureza, para a aquisição intuitiva de conhecimentos, num curso tecnico como o de architectura ou de desenho industrial para o qual são imprescindiveis a geometria descriptiva em toda a sua extensão, a perspectiva e a theoria das sombras especialmente.

Tudo depende do objectivo que se visa na escola.

\*  
\* \*

O fim principal da escola primaria é sem duvida alguma educar, isto é, aperfeiçoar os sentidos e o corpo pelo exercicio, fortalecer e desenvolver a intelligencia pela instrucção, formar a alma atravez dos exemplos dos grandes vultos de nossa historia, isto é, desenvolver a criança sob o duplo ponto de vista do corpo e do espirito.

Como completar o duplo objectivo da educação?

Nenhum modo me parece mais racional do que adaptando o ensino ás condições dictadas pela natureza.

Si a natureza é a unica fonte em que os homens tem bebido, desde os primordios da sua civilização, as leis da sciencia e do bello, si educou a humanidade no decorrer dos seculos, ella continuará sabiamente a guiar os passos da nossa infancia escolar e a dictar as leis da verdadeira pedagogia.

E' o que nos ensinam os mestres e o que confirma a cada instante a experiencia. A criança, quanto mais directamente se põe em harmonia com a natureza, tanto mais facil e completamente consegue desenvolver as suas faculdades intellectuaes, moraes e physicas. Levada pela natural necessidade de movimento, pela curiosidade e vivacidade de espirito que resultam dos appetites sensoriaes, a criança se vê lançada desde cedo num circulo de acções e reacções beneficas ao seu desenvolvimento harmonico.

Em todas as lições, nos trabalhos manuaes, no desenho, na gymnastica, na musica, nas palestras paternaes do mestre, na mathematica elementar que deve ser tanto quanto possivel objectiva e pratica, nas sciencias physicas e naturaes, cujas experiencias e observações devem ser executadas pelos alumnos, têm estes o ensejo de exercitar os sentidos. E assim continuam atravez dos herbarios, dos aquarios, dos canteiros para a cultura de plantas que tão grande influencia exercem sobre a educação da criança, pela quantidade de conhecimentos que fornecem e pelo grande interesse que despertam.

Da somma incessantemente augmentada de impressões, da actividade constante resulta o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, continuamente postas em jogo, e de qualidades moraes, a formação de uma intelligencia sã e harmonica que não se poderá conseguir só entre as quatro e aridas paredes de uma escola. *Le developpement de leurs facultés reposent sur l'effort personnel*, diz Buyse, referindo-se aos alumnos das escolas primarias norte-americanas.

Sendo a escola creada para este fim, isto é, para educar e não para instruir tão somente, posta a criança no trabalho da auto-educação, sob as excitações sabias do professor, vejamos qual é o papel do desenho.

O seu papel cooperador na educação infantil é indiscutivel. As maiores summidades em materia pedagogica já lhe tem feito os elogios que merece e que aliás se impõem.

De todas as materias preliminares é o desenho que pode seguir a par e passo o desenvolvimento das outras. Si é util quando estudado em si, como materia componente do programma preliminar, a sua vantagem para a clareza das outras, dada a sua qualidade essencial de synthetizar e precisar as coisas e os factos, é muito grande. Quem não terá já sentido o beneficio de uma illustração que concretize as imagens necessarias á comprehensão de um trecho escripto?

Quando as imagens não podem ser indifferentemente creadas pela imaginação, porque ellas devem ser precisas, definidas, não ha leitura possivel. Por maior esforço que o espirito faça em acompanhar o encadeamento dellas, nunca chega a construir utilmente a figura descripta. Não ha esforços uteis de imaginação nesse sentido visto que as imagens evocadas não condizem com a realidade e variam, a não ser na analogia, de individuo para individuo. Tratando-se de imagens definidas, determinadas, não se pode prescindir de um desenho claro, uma vez que não se tenha o original á mão.

A sua vantagem, porem, não pára ahi. Todas as phantasias que a nossa imaginação crêa quando lemos um romance suggestivo, todo o mundo de imagens evocadas que são em gran-

de parte o que vimos ou sentimos em modulações novas e que nos embalam tão docemente, nos arrebatam, produzindo-nos as mais variadas emoções, quantas vezes não desejamos ver realizadas ou concretizadas num quadro? Quantos não são arrastados pelo interesse ao cinema ou ao theatro na doce expectativa de assistir, sob a forma material, ao desenrolar de scenas que já acariciaram no espirito? O desenho, portanto, torna mais interessante e vivo aquillo que lemos porque orienta as nossas imagens e nos faz ver de *visu* o que a nossa imaginação esboça incompletamente.

Que inestimaveis serviços poderá prestar ao professor bem orientado, quando empregado no decorrer das lições, pela clareza que a estas proporciona e pelo interesse que desperta nos alumnos!

Notemos ainda que a criança é inclinada ao desenho. Tem-no como um meio de expressão; não ha nenhuma que não rabisque ou garatuje, pela sua peculiar actividade, na areia, nas paredes, onde quer que seja, num pedaço de papel, a lapis ou a penna, a preto ou a côres, as multiplas impressões que vae tendo ou que já teve. Desenha no ar, pois a sua gesticulação não passa ás vezes de um arremedo ás linhas que representam no espaço as phantasias da sua imaginação. Difficuldade ao desenhar? Que lhe importam as que apparecem, embora sejam difficeis como lançar uma ponte sobre um rio ou viajar para Marte, si as difficuldades ella as acolhe com igual prazer? E até parece que o seu prazer augmenta na proporção da vida existente no assumpto a desenhar: mais entusiasmo lhe dá a procissão da roça que o arco com que brinca.

Ora, é de sã pedagogia que o professor se aproveite das aptidões naturaes ou das inclinações dos seus alumnos para educal-os. Em vez de impedir que a criança desenhe, por lhe parecer perdido o tempo, deve excital-a em todos os assumptos para o exercicio dessa actividade, guiando intelligentemente os seus esforços e o seu trabalho.

O desenho será de vantagem ainda nas mãos da criança não só porque satisfaz a actividade desta, mas porque precisa, define as imagens que se formam em seu espirito.

Disse, ao começar esta parte, que o seu estudo, tomado isoladamente, é util. Parece não haver duvida, principalmente numa epoca como a de hoje, em que a corrente utilitaria é dominante.

Nós sabemos que o desenho é a base de todas as artes plasticas e atravez d'elle se architectaram todos os engenhos humanos que industrializam a materia prima, que vencem as distancias e approximam povos; sabemos que, si ao engenheiro é dado calcular a resistencia dos materiaes, todo o systema de

forças de que dependem a solidez e o equilibrio de um edificio, ao desenhador cabe a organização deste edificio, interna e externamente, a sua decoração architectonica e o equilibrio esthetico; conhecemos do desenho a sua vasta applicação nos mais oppositos ramos da actividade humana. A sua utilidade é, pois, clara. Não devendo ser ensinado certamente para transformar as crianças, na escola, em pequenos artifices, coisa inteiramente banida de qualquer espirito sensato, será util no entanto por lançar, no espirito das crianças, durante os quatro annos de apprendizado preliminar, as bases rudimentares do traçado linear, das sombras, das côres e da arte decorativa, colhidas intuitivamente nas observações diarias, bases que poderão fructificar mais tarde.

Das qualidades, porem, a que se distingue sobremaneira é a de cooperar na educação da criança.

Não sou dos que pensam que o exercicio constante sobre um determinado trabalho tenha, apenas, como consequencia a educação especifica relativa a esse trabalho, sem que d'elle resulte um beneficio geral para o individuo; creio, embora não se tenha chegado a um modo de ver unico, na educação cruzada, isto é, naquella em que pelo exercicio de certo trabalho se desenvolvem aptidões ou qualidades que convêm ou se transferem a outro genero de trabalho. Não posso comprehender que atravez do exercicio constante de logica que um mathematico faz em seus trabalhos, toda a sua aptidão se especifique para as questões referentes á mathematica. Porque não admittir a transferencia de aptidões, pelo menos, entre as questões correlatas? Para que se ensinam o desenho, a modelagem, a musica ás crianças si ninguem cogita da educação especifica, mas dos effeitos educativos geraes dellas?

O desenho, pondo em exercicio as faculdades da alma e o sentido da vista, aperfeiçoa-os. Educa o julgamento da criança, forma-lhe uma imaginação sadia, cultiva a attenção e a memoria, adestra a mão, desenvolve o amor pelo bello e pelo verdadeiro.

Desde os seus primeiros dias de escola, a criança põe-se a desenhar aquillo que o professor lhe pede ou lhe mostra. Não se inicia, porque fóra da escola se occupou expontaneamente do desenho; faz os seus rabiscos que, como é natural, têm todas as imperfeições e descuidos imaginaveis. Sem poder assegurar que os seus traços correspondam a uma imagem interna (do espirito) suggerida pela natureza, pelo facto apenas de não condizerem com o realismo visual, o que para mim é obra simples da sua inhabilidade insipiente, noto, porem, que os seus desenhos, na qualididade dos casos, apesar de serem puro convencionalismo, typo infantil, revelam de maneira eloquente os objectos modelos. Ha signal, portanto, de que a criança exercita grandemente a sua acuidade visual; observa as partes constitutivas do modelo,

confronta-as, atilando o seu juizo sobre as coisas, fazendo rudimentarmente o trabalho mental da analyse. Nas reproduções de memoria, sujeitos os trabalhos á critica do professor, nota as incongruencias que commetteu : tal curva, tal detalhe ou peça não poderiam ser representadas como fez porque no natural não existem. Nas composições, a mesma critica judiciosa ; —Porque fez o homem do tamanho da casa ? Não devia ter feito aberta a bocca do cão por estar cançado ? Não percebe que um rio não pode ser tão grande como o pé do menino ? Como se vira a canôa ?

Como em tudo, indo a critica gradativamente, das linhas geraes aos detalhes, do mais facil para o mais complexo, parece claro que as percepções do mundo sensível se tornem mais precisas no espirito da criança. Habituada no fim do curso preliminar ao exame das coisas, a considerá-las justamente como ellas são ou existem, ha de com certeza precaver-se contra as creações do seu espirito, cuja possibilidade seja problematica. Si sabe ver bem, saberá imaginar sadiamente.

Ajuizar sobre as coisas é trabalho constante de quem desenha, quer compondo como copiando do natural ou rememorando. É como não ajuizar si o trabalho é da intelligencia, si o desenho é uma serie de affirmações sobre o contorno dos objectos, sobre as suas proporções, sobre a sua posição no espaço, sobre a côr, sobre o conjuncto, emfim, dos dados que o individualizam ? Não se julgue o desenho pelo que é como simples representação graphica correspondente ás impressões visuaes mas pelo que é como resultado das indagações feitas sobre os objectos.

É evidente que toda indagação reclama o exercicio da attenção, pela qual a criança se obriga, bem a seu gosto, a ver justo (desconte-se a relatividade da expressão), a precisar, a ennumerar, a avaliar, a discriminar as partes do seu modelo. Pela continuação do exercicio dessa faculdade, bem dirigida, o educando chega ao *habito de ver e observar*.

Todo desenho deve tender para dois objectivos : agradar aos olhos (objectivo artistico) ou esclarecer o espirito (objectivo utilitario). A criança trabalha para os dois objectivos, preocupando-se mais com satisfazer a sua tendencia esthetica. Deseja *fazer bonito*. É coisa commum ver-se a criança em aula reclamar do professor a má posição do seu modelo. Para ella, e aliás para todos, ha nelle um lado mais expressivo que a contenta, que corresponde melhor aos seus desejos, ao seu gosto. Quer finalmente, atravez da representação graphica, admirar o seu modelo tal como existe, com as particularidades que o integralizam.

O desenho, pois, cultiva o sentimento do bello e do verdadeiro.

Elle é na escola preliminar materia basica de educação. Applicado livre e largamente em todos os trabalhos, nas lições de coisas e de historia, no estudo das plantas e animaes, nas composições escriptas, nas illuminuras, na calligraphia bem como estudado em si, seu fim é, como vimos cooperar no desenvolvimento harmonico da criança quer sob o ponto de vista da intelligencia e sentimentos superiores como sob o ponto de vista physico de adestrar a mão, de habituar a ver e a observar, de aguçar a vista.

\*  
\*\*

Consideremos agora o fim do desenho nas escolas normaes.

Tanto quanto fôr possível, nestas o ensino deverá ser feito como nas preliminares ; apenas o trabalho deixará de ser o *exercicio espontaneo* que correspondia á actividade da creança para ser a *obrigação escolar*.

Não mais a permissão do professor para os trabalhos *livres* de imaginação, medida conveniente ao desenvolvimento da criança ; não mais a *critica emmulativa* apenas, as notas de encorajamento, o lembrar novas ideias somente em vez de corrigil-as, etc. ; agora as lições attrahentes, a critica necessaria e justa, as *razões*, as notas equitativas, as correcções que poupam tempo ; antes o emprego de todos os meios de desenho simultaneamente — as côres, o carvão, a tinta nanking, o lapis e a penna na mais livre applicação ; agora a systematização de conhecimentos, a seriação de difficuldades — o traçado, a sombra, as côres e a composição, com a predominancia da ordem sobre a espontaneidade de assumptos e sobre a simultaneidade de meios.

Não se deprehenda do que acima fica dito que toda a espontaneidade do alumno seja impedida como nociva. Absolutamente não ; ella continuará a revelar a originalidade e o temperamento do alumno, como resultado benefico do habito adquirido na escola preliminar. Como o tempo é escasso, porem, e o fim diverso, urge apenas convergir esforços no sentido de attingir este fim.

Sem fugir das linhas geraes do methodo applicado nas escolas preliminares, isto é, *ver o natural, relembral-o, imaginal-o em combinações novas, applical-o para o fim util* (illustrar lições) ou *para o fim artistico* (arte decorativa), fica o professor na escola normal em condições de estender os conhecimentos dos seus alumnos ou de assental-os em normas definitivas, mostrando ainda aos noveis professores, atravez do seu methodo vivo, a maneira de se conduzirem mais tarde perante as crianças no ensino do desenho.

Este lado methodologico é de grande importancia ; porem é

de importancia maior a *habilidade de mão* que o professor precisa adquirir no curso normal. Como vimos atraz, o desenho é o meio de objectivação mais frequente do professor, porque este nem sempre tem á mão os objectos para o seu ensino ou não pode trazel-os á presença dos alumnos. Vimos tambem quanto é capaz um bom desenho de tornar attrahentes, interessantes as lições por ser elle a linguagem familiar da criança e por precisar imagens.

O fim do desenho, portanto, nas escolas normaes é preparar professores que tenham, alem de certa technica especial e boa comprehensão das coisas no espaço, capacidade de traçar promptamente as figuras necessarias á sua lição.

O gosto, como resultante esthetica do desenho, deve ser cultivado atravez dos exercicios de classe, num meio escolar adequado, na copia de objectos de arte — vasos caprichosos, estatuetas ; no estudo da flora, de onde se tiram as formas estylisaveis para os arranjos decorativos ; no estudo de animaes e dos objectos de uso commum, *mediante a suggestão de boas gravuras ou desenhos*.

Ao terminar, devo dizer que o desenho nas condições em que está nas escolas normaes, organizadas de forma aristocratica e doentia, é uma materia deslocada, posta em plano de 2.<sup>a</sup> ordem, inutilizada pela inapplicação constante nas muitas materias em que podia ser de proveito. E' explicavel, por isso, o desinteresse que lavra entre os alumnos apezar dos esforços de todos os professores em tornar attrahente o estudo, desorientando-o por vezes para fins artisticos injustificaveis, para exposições finaes de anno que são quasi sempre a mais nefasta das mentiras.

A sua applicação assidua nas lições em que fôr conveniente é eloquentemente bastante para infundir no espirito dos alumnos a necessidade do seu ensino e por consequencia a necessidade de o aprenderem melhor. A applicação vale mais que os conselhos mais avisados.